

Os “papéis falantes” de Lavradio: edição e comentários paleográficos de uma carta setecentista

Lavradio’s “talking documents”: palaeographic edition and considerations of a 18th-century letter

Leonardo Lennertz Marcotulio*
Marcus Vinícius Pereira das Dores**
Daví Lopes Franco***

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a divulgação e a popularização de uma carta do Marquês do Lavradio, que faz parte do *corpus* de uma pesquisa vinculada ao *Laboratório de Estudos Filológicos* (LabEFil/UFRJ). Esse material, sob um olhar científico e com um tratamento específico, serve de fonte documental para diversas pesquisas. Defendemos, por exemplo, que um manuscrito tratado filologicamente é uma peça fundamental para o estudo da história da língua, porque traz nas linhas e entrelinhas registros únicos de um estágio pretérito de língua. Para tentar entender, portanto, como o documento aqui abordado foi constituído sócio-historicamente, apresentamos, também, neste artigo, alguns comentários paleográficos, que visam a interpretação adequada desse texto manuscrito.

Palavras-chave: Documentos manuscritos. Cartas. Paleografia. Marquês do Lavradio.

Recebido em 9 de julho de 2020.

Aceito em 2 de setembro de 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i60.421>

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, marcotulio@letras.ufrj.br, orcid.org/0000-0001-8227-5144

**Universidade de São Paulo, marcusdores@usp.br, orcid.org/0000-0002-9742-0903

***Universidade Federal do Rio de Janeiro, davifrancoteacher@gmail.com,
orcid.org/0000-0001-6669-6192

ABSTRACT

This paper aims to promote and share a letter written by the Marquess of Lavradio that is part of a corpus from a research project carried out by the *Laboratory of Philological Studies* (LabEFil) at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ). Under a scientific perspective and a specific treatment, the analysed letter serves as a documental source for many potential researches. We claim, for instance, that a philologically treated manuscript is a key piece for studying the history of a language, since it may bring unique records from previous stages of the language in its lines. Thus, in order to comprehend how the letter we analyse was socio-historically created, we also present in this paper some palaeographic considerations that aim at properly interpreting this manuscript text.

Keywords: Manuscript documents. Letters. Palaeography. Maquess of Lavradio.

*Por mar ou por terra lá iam eles:
los papeles parlantes.*
(CONCEIÇÃO, 2015, p. 142)

Introdução

D. Luís de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Melo Pereira Aguilar Fiel de Lugo Mascarenhas Silva Mendonça e Lencastre, 2º marquês do Lavradio e 5º conde de Avintes, nasceu em Ribaldeira, Portugal, em 27 de junho de 1727, e ingressou, ainda muito jovem, na vida militar. Chegou ao Brasil em 1768, para exercer o cargo de governador e capitão-general da capitania da Bahia e, no ano seguinte, foi nomeado vice-rei do Brasil, transferindo-se para o Rio de Janeiro, nova capital da colônia, onde permaneceu por dez anos. (cf. Arquivo Nacional, 1999).

Dentre os personagens da máquina administrativa colonial portuguesa, Lavradio se destaca pela rica e numerosa coleção documental que deixou, conservada hoje em diversos arquivos de Portugal e do Brasil (cf. CONCEIÇÃO, 2011). No plano linguístico, a figura de Lavradio é também particularmente interessante. Como sinalizou Marcotulio (2010), as

cartas de Lavradio mostram um português escrevendo em terras brasileiras, o que seria uma evidência do que ficou tradicionalmente conhecido como português *no* Brasil:

(...) a situação de luso falantes, no século XVIII, distinguia sociolinguisticamente dois grupos que, visto em vários testemunhos, disputavam espaços políticos: de um lado, os descendentes de portugueses fixados no Brasil, e, de outro, os renóis *brasileiros*, descendentes de portugueses que nunca viram solo europeu. Somem-se a esses grupos os portugueses transitórios. (...) A esses dois grupos corresponde, exatamente, o que se define como *português no Brasil* e *português do Brasil*. (BARBOSA, 2005, p. 84-85)

Dialogando com Barbosa, Rumeu (2006, p. 819) esclarece que o português *no* Brasil pode ser entendido em sentido lato ou restrito:

Em sentido lato, a noção de Português *no* Brasil é determinada pelo aspecto geográfico, ou seja, privilegia-se a busca por textos produzidos no território brasileiro sem distinção da origem do redator, em virtude da não obtenção de informações precisas acerca da nacionalidade de todos os autores dos textos. Em sentido restrito, a língua portuguesa *no* Brasil é reflexo da produção escrita de portugueses que residiam no Brasil em convivência com *lusófonos (brasileiros)* na América Portuguesa.

O caso de Lavradio se encaixaria, claramente, no sentido mais estreito do termo. Trata-se de um sujeito português que teve sua formação escolar e militar em Portugal e que, com pouco mais de 40 anos de idade, passou a residir no Brasil por um período de onze anos, produzindo uma quantidade considerável de documentos.

Os materiais que entremostam o português *no* Brasil também apresentam relevância para a caracterização sócio-histórica do português brasileiro. De acordo com Barbosa (1999), somente é possível conhecer o que teria sido o português *do* Brasil da época se soubermos o que foi o português *no* Brasil. Sobre essa questão, complementa Rumeu (2006, p. 8222) que “a

partir dos textos escritos em terras brasileiras, seja possível contribuir para a análise da face assumida pela língua portuguesa na realidade sócio-histórica colonial e imperial do Brasil”.

Tendo em vista essas considerações iniciais, este trabalho, de orientação filológica, tem dois objetivos centrais. Em primeiro lugar, apresentamos a edição de uma carta do Marquês do Lavradio, ainda inédita, escrita em 12 de março de 1777. Em seguida, destacamos alguns aspectos paleográficos no material editado.

Para tanto, este texto está estruturado da seguinte forma. Na primeira seção, apresentamos o material selecionado para a constituição do *corpus* de pesquisa¹, os critérios de transcrição e edição, bem como um exemplo de uma carta editada. A segunda seção traz alguns comentários sobre aspectos paleográficos das cartas de Lavradio que compõem o nosso *corpus*: natureza do testemunho; reclames; grafemas e alógrafos; segmentação de palavras; junção de palavras; abreviaturas; e, por fim, uso de maiúsculas e minúsculas. A essa seção, seguem as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas.

1. O trabalho filológico de edição das cartas de Lavradio

Para este trabalho, selecionamos uma das dez cartas de Lavradio que já foram editadas pelos integrantes do *Laboratório de Estudos Filológicos* (LabEFil), pertencentes ao códice 10631 da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)²:

1 Embora aqui apresentemos apenas uma carta, está em andamento, no *Laboratório de Estudos Filológicos* (LabEFil/UFRJ), um trabalho de edição e futura publicação de todo o códice 10631 da Biblioteca Nacional de Portugal.

2 A cota de referência é: cod-10631. LAVRADIO, 2º Marquês do, 1727-1790. [Cartas do 2.º Marquês do Lavradio, 11º Vice-Rei do Brasil, para os governadores de várias capitanias do Brasil sobre assuntos respeitantes ao governo e defesa das mesmas]. - Rio de Janeiro 1776-1779. - [229] f., enc.; 36 cm. Disponível em <http://purl.pt/14392>. Acesso em: 05 fev. 2019.

Quadro 1. Cartas de Lavradio editadas e estudadas

Carta	Data	Cota
1	8 de novembro de 1776	BNP, Cód. 10631, fol. 18v-20v
2	29 de dezembro de 1776	BNP, Cód. 10631, fol. 50r-53r
3	7 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 69v-70r ³
4	9 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 72r-73v
5	<u>12 de março de 1777</u>	<u>BNP, Cód. 10631, fol. 74r-74v</u>
6	13 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol.79v-81v
7	20 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 81v-82v
8	21 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 83r-83v
9	26 de março de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 90r-91r
10	9 de abril de 1777	BNP, Cód. 10631, fol. 95r-101r

Trata-se de um conjunto de missivas escritas no Rio de Janeiro, no período de 8 de novembro de 1776 a 9 de abril de 1777, endereçadas ao governador e capitão-general da capitania de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha.

Uma das características marcantes desse destinatário foi o fato de ele empreender esforços para colocar em prática as ordens da Coroa, levantando na capitania uma estrutura militar. À Capitania de São Paulo foi atribuído o papel de muralha entre os espanhóis e o território de Minas Gerais, já que este último lugar era um ponto estratégico para a retomada do Sul da América portuguesa.

As cartas escritas por Lavradio a Martim Lopes Lobo de Saldanha são de natureza informativa. Sobre as invasões castelhanas no território brasileiro, Lavradio revelava sua preocupação, mencionando assuntos referentes a bombas e munições para os casos de possíveis combates:

3 Uma edição desta carta foi publicada por Franco (2019), como Fonte Primária na revista *LaborHistórico*.

Sua Magestade | Catholica o nomeou *Capitaõ General* dosSeuz Ex- |
ercitoz; mandou apromptar 8 mil homenz *para* | Embarcarem; huã
Esquadra Comp^e, eNavioz | de transportez correspondentez aestes
grandez pro- | jectoz; *multaz* Galiotas *para* Bombaz; *multaz* Jangadaz;
| einfinitas Muniçoéz de Guerra de toda a *qualidade*. | Esta aparatoza
Expediçaõ seficava preparando *quando* | deLisboa partiraõ os ultimos
Navioz. (BNP, Códice 10631, 8 de novembro de 1776).

Em muitos momentos, Lavradio declara os sucessos das outras capitânicas para que o governador da capitania de São Paulo esteja ciente dos assuntos da colônia. Ao longo das missivas estudadas, são perceptíveis as ameaças e os avisos que Lavradio fazia a Martim Lopes Lobo de Saldanha. Caso ele perdesse aquele território, Lavradio o ameaçava de perder também o seu cargo. Lavradio implora ao longo de algumas cartas ao governador de São Paulo que auxilie o governador da Ilha de Santa Catarina, com o intuito de não perder aquele território para os castelhanos. No entanto, embora houvesse avisos, estratégias e conselhos dados, o território de Santa Catarina acaba sendo invadido, como se vê no trecho abaixo:

ILLustrissimoeExcelentissimoSenhor Em Carta de | 9 do Corrente
mez Avizei aVossaExcelência, *para* | queVossaExcelência com todas as
forças | *que* pudesse, auxiliasse ao General Antonio Carlos Furtado de
| Mendonça, *para* poder sustentar adefeza da Ilha de Santa | Catharina,
agora me chegaõ as *noticiaz* as maiz funestaz e do- | Lorozas, a respeito
da defeza daqueLa Ilha. (BNP, Códice 10631, 12 de março de 1777).

Com o intuito de proceder à edição de cartas que pudessem servir de fonte para estudos históricos do português, nomeadamente, como mencionado, para a história do português setecentista no Brasil, optamos por uma transcrição o mais conservadora⁴ possível, embora haja intervenções

4 “Aquele que se aproxima da forma original de redação do seu redator/autor”. (Cf. OLIVEIRA, 2019, p. 221).

pontuais introduzidas com o propósito de facilitar a leitura dos textos. Para tanto, tomamos como inspiração alguns dos critérios para a elaboração de edições semidiplomáticas do projeto *Para uma História do Português Brasileiro* (PHPB)⁵, os quais são apresentados a seguir:

1. A edição será justalinear;
2. As variações alográficas de um mesmo grafema serão uniformizadas;
3. Todas as abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se em itálico os grafemas omitidos;
4. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver;
5. A pontuação original será mantida. No caso de espaço maior intervalar deixado pelo scriptor será marcado [espaço], com exceção de espaços gráficos em cabeçalhos, títulos e/ou rótulos de seções de periódicos, fórmulas de saudação/encerramento ou na reprodução de diálogos, devendo o editor estabelecer o intervalo conforme o original;
6. A acentuação original será mantida;
7. Os sinais de separação de sílaba ou de linha serão mantidos como no original;
8. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original. No caso de alguma variação física dos sinais gráficos resultar de fatores cursivos, não será considerada relevante. Assim, a comparação do traçado da mesma letra deve propiciar a melhor solução;
9. No caso dos manuscritos, eventuais grafias diferenciadas serão remetidas para nota de rodapé, onde se registrará (rão) sua(s) variante(s) mais comum (ns) e, quando possível, considerações sobre a variação em si;

5 Disponível em <<https://sites.google.com/site/corporaphpb/>>. Acesso em 24 abr 2019.

10. Inserções do scriptor, para não conferir à mancha gráfica um aspecto demasiado denso, obedecem ao seguinte critério: se na entrelinha do documento original, entram na edição em alinhamento normal e entre os sinais: < >; <?>, se na entrelinha superior; <?>, se na entrelinha inferior. Se houver palavra(s) riscada(s) abaixo da inserção, deverá haver menção ou, conforme sua legibilidade, transcrição em nota de rodapé;
11. Supressões feitas pelo scriptor no original serão tachadas. No caso de repetição que o scriptor não suprimiu, passa a ser suprimida pelo editor que a coloca entre colchetes duplos;
12. Intervenções de terceiros no documento original devem aparecer em nota de rodapé informando-se a localização;
13. Intervenções do editor não de ser raríssimas, permitindo-se apenas em caso de extrema necessidade, desde que elucidativas a ponto de não deixarem margem à dúvida. Quando ocorrerem, devem vir entre colchetes. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes e em itálico;
14. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte, justificam intervenção do editor com a indicação entre colchetes conforme o caso: [?] para letras, [*inint.*] para vocábulos e [*inint.* + n linhas] para a extensão de trechos maiores;
15. A mudança de fôlio receberá a marcação entre colchetes, com o respectivo número e indicação de frente (r, *reto*) ou verso (v);
16. Na edição, as linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta. Essa numeração será encontrada à margem direita da mancha, à esquerda do leitor. Será feita por fôlio do documento.

Apresentamos, a seguir, um exemplo de uma carta editada de acordo com as normas apresentadas. A edição é precedida por uma ficha de descrição do documento. Essa e as demais cartas de Lavradio utilizadas neste

trabalho fazem parte do banco de textos editados do *Laboratório de Estudos Filológicos (LabEFil)* da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do qual os autores deste texto são membros.

Quadro 2. Ficha de descrição do manuscrito

Data cronológica	12 de março de 1777
Data tópica	Rio de Janeiro
Tipologia textual	Carta
Autor	Marquês do Lavrado
Destinatário	Martim Lopez Lobo de Saldanha (Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo)
Relação social estabelecida entre remetente e destinatário	Vice-rei – Governador e Capitão General de SP
Testemunho	Apógrafo
Registro	Manuscrito
Suporte	Papel
Estado de conservação	Bom
Número de fólios	2
Cota	BNP, Cód. 10631, fol. 74r-74v.
Edição	Davi Lopes Franco
Revisão	Leonardo Lennertz Marcotulio
Data da edição	7 de janeiro de 2018
Data da revisão	30 de junho de 2018
Data de elaboração da ficha	3 de agosto de 2018
Conteúdo: Marquês do Lavradio expressa sua consternação pela notícia que recebeu do Mestre da Embarcação da Ilha de Rio Grande, já que os castelhanos invadiram a Ilha de Santa Catarina. Lavradio alerta que, agora, deve acalmar os socorros, para pensar em estratégias de não serem surpreendidos pelos castelhanos.	

Carta Escrita no Porto
da Cap. de São Paulo

M. Ex. Sr. Com. Carta de
D. do Cor. meu Aviz a V. E. q. V. E. com todas as forças
q. puderdes, auxiliastes ao Sen. Ant. Carlos Fort. de
Mondrano, q. pôde sustentar a defesa da Ilha de São
Catharina, a q. me chegou as notícias da maior segurança, e de
Luzias, a respeito da defesa da q. Ilha. Estas notícias dadas
p. Mestre de hua Embarcação, q. veio a ribeira a Ilha
grã, ellas me parecem tão extraordinarias, q. se me fizesse de-
ficuldades ou credulidade, por um a este mesmo costume, tra-
zendo o Conado, q. parece impossível q. eu possa re-
ceber com semelhantes notícias.

Como aq. não dá um não sóto já nos lha
da nova Guarnição na Ilha, e toz passado toda q. altura
fôrme, será sumam. preciso. V. E. acautele o Socorro,
mandando-o por q. aonde elle se possa aproveitar,
e q. não seja surpreendido, ou cobado. p. Carta.

Eu julgo q. aq. Sen. terá feito a V. E. to-
dos os precisos Avizos, por um no caso de V. E. ainda or-
nada ser tomada V. E. as medidas, q. lhe parecerem may
proporcionar de poder, q. possas ser porrecho, e char-
ro q. V. E. manda. Encias delle já não ser ne-
cessario ao Sen. de São Catharina, hãe. pôde ser por a.

Figura 1. Fac-símile da Carta do Marquês do Lavradio a Martim Lopez Lobo de Saldanha

[fol. 74r]⁶

CartaEscripta ao Governador
daCapitania deSão Paulo

IllustrissimoeExceletissimoSenhor Em Carta de
9 do Corrente mez Avizei aVossaExcelencia, para queVossaExcelencia
com todas as forças
que pudesse, auxiliasse ao General Antonio Carlos Furtado de
Mendonça, para poder sustentar adefeza da Ilha de Santa
5 Catharina, agora me chegaõ as noticiaz as maiz funestaz, e do-
Lorozas, a respeito da defeza daqueLa Ilha. [espaço] Estas saõ dadaz,
peLo Mestre de huã Embarçaõ que veyo a ribada a Ilha
Grande, ellas me parecem taõ extraordinarias, que se mefaz de-
ficultozo o a creditalas, porem aSim mesmo metem tres-
10 passado oCoraçaõ, que parece impossivel que eu possa re-
zestir com semelhante pezar

Como aqueLaz noticiaz, dizem naõ estar já nenhua
da nossa Guarniçaõ na Ilha, eter passado toda para aterra
firme, será sumamente preciso. VossaExcelencia acautele oSocorro,
15 mandando-o por parte aonde elle se possa aproveitar,
eque naõ seja surprehido, ou Cortado peLoz Castelhanoz.

Eu julgo que aqueLe General terá feito aVossaExcelencia to-
dos os precizos Avizos, porem no Cazo deVossaExcelencia ainda os-
naõ ter, tomará VossaExcelencia as medidas, que lhe parecerem mais
20 proporcionadaz, desorte, que possa ser proveitoso, oSocor-
ro queVossaExcelencia manda, enocazo delle ja naõ ser neces-
sario ao General deSanta Catharina, hade poder servir ao-

6 Há a indicação do número 74, por outra mão, à margem direita da página para indicar o fôlio do documento.

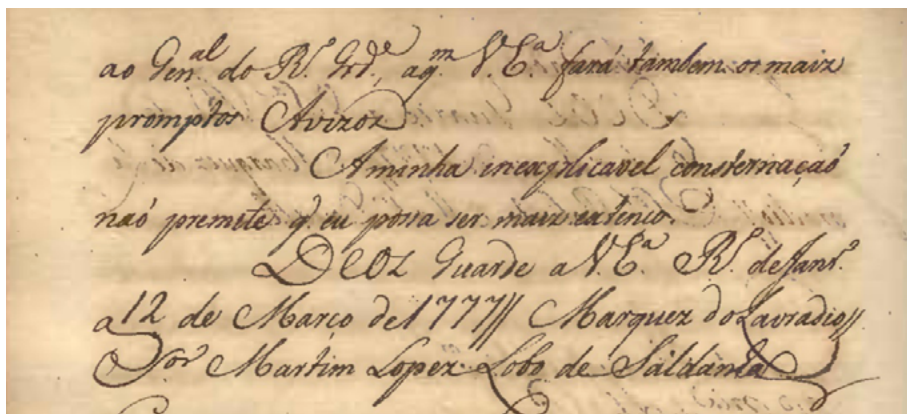


Figura 2. Fac-símile da Carta do Marquês do Lavradio a Martim Lopez Lobo de Saldanha (continuação).

[fol. 74v]

ao General do Rio Grande, a quem Vossa Excelência fará também os
maiz promptos Avizos.

A minha inexplicavel consternação
não permite *que* eu possa ser maiz extenço.

5 Deoz Guarde a Vossa Excelência Rio de Janeiro
a 12 de Março de 1777 // Marquez do Lavradio //
Senhor Martim Lopez Lobo de Saldanha.

2. Comentários paleográficos

Como aponta Dores (2019, p. 21), “todo editor de textos antigos precisa levar em consideração, no seu labor filológico, que a leitura e a transcrição de um manuscrito são tarefas árduas, mas que podem ser amenizadas com a utilização de teorias e técnicas específicas”.

Nesta seção, portanto, apresentamos alguns aspectos paleográficos interessantes que puderam ser extraídos das cartas de Lavradio em análise. Vale deixar claro, no entanto, que estamos entendendo como “paleográficas” algumas categorias de análise que comumente aparecem em estudos dessa natureza, embora também sejam contempladas em disciplinas que dialogam ativamente com a Paleografia, como a Codicologia, a Diplomática e a Filologia.

2.1 Natureza do testemunho

Em primeiro lugar, as cartas de Lavradio são documentos apógrafos, isto é, cópias de época. O códice se apresenta como um livro copiador, elaborado provavelmente por um de seus secretários (cf. CONCEIÇÃO, 2011) que poderia criar com mais liberdade o texto ou transcrever o que lhe era ditado. Nesse livro, como se pode ver no fac-símile disponibilizado a seguir, referente à carta editada na seção anterior, mais de um documento pode compartilhar o mesmo fólio.

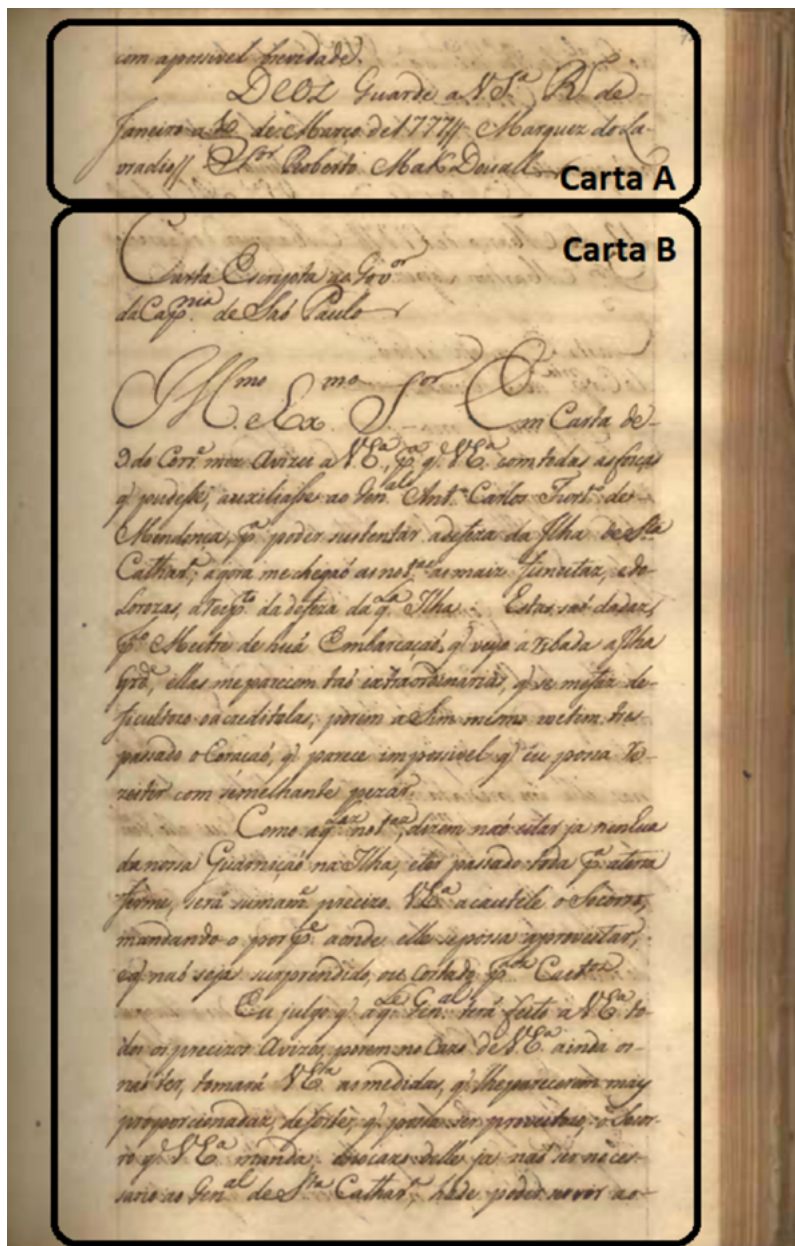
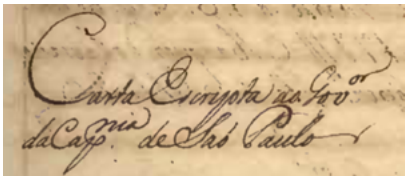
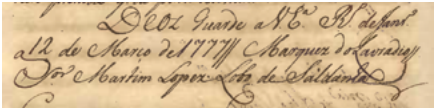


Figura 3. Fac-símile de um fôlio do livro copiador (marcação nossa).

Além disso, observa-se também um sistema de organização próprio do secretário. O início de todas as cartas, também conhecido como protocolo, é precedido por uma breve menção à espécie documental e ao destinatário. O final das cartas, o escatocolo, por sua vez, apresenta, em sequência, a seguinte informação, podendo ser separada por barras duplas inclinadas: despedida, data tópica, data cronológica, remetente, destinatário.

Quadro 3. Exemplos de protocolo e escatocolo

Início da carta	Final da carta
	
Carta Escrita ao Governador da Capitania de São Paulo	Deoz Guarde a Vossa Excelência Rio de Janeiro a 12 de Março de 1777 // Marquez do Lavradio // Senhor Martim Lopez Lobo de Saldanha.

Dessa forma, o documento em questão está dentro dos padrões apresentados na descrição diplomática de Bellotto (2002, p. 51), que define “carta” da seguinte forma: “documento não-diplomático, mas de desenho mais ou menos padronizado, informativo, ascendente, descendente, horizontal, conforme o caso”.

No contexto colonial brasileiro, período histórico em que está inserida a carta que aqui analisamos, a autora ora citada ainda descreve um tipo de carta muito comum que, embora direcionada a outra figura pública, se aproxima bastante do formato das cartas do Marquês do Lavradio:

Na administração colonial: correspondência enviada por autoridade subalterna/delegada ou súdito ao Rei, diferindo do requerimento ou petição pela natureza do teor documental, já que estes últimos destinam-se

a solicitar mercês, privilégios ou direitos de existência consolidada, desde que preenchidos os requisitos necessários. Questões de caráter oficial ou particular que se desejasse expor ao Rei, quaisquer que fossem os assuntos, desde que não de caráter peditório, eram-lhe dirigidas por meio de carta. [...] **Protocolo inicial:** Direção - Senhor, seguido da titulação do signatário. **Texto:** conteúdo, que nos casos mais frequentes é de teor administrativo. **Protocolo final:** datas tópica e cronológica e assinatura do autor. (BELLOTTO, 2002, p. 52, grifos da autora)

2.2 Reclames

De acordo com Dias (2006, p. 1), reclame “é a palavra, ou parte da palavra, ou grupo de palavras que, no final de uma página, de um fôlio, ou de um caderno, duplica o início do texto da página, fôlio ou caderno seguintes”. Esse recurso é muito utilizado em todo o livro copiador de Lavradio, sobretudo entre o verso de um fôlio e o recto do fôlio seguinte, como pode ser visto na carta editada e mostrada neste artigo, com a palavra “ao”. Além de facilitar a leitura, os reclames também podem funcionar como recursos de sequenciação dos fôlios, soltos em seu formato original, que seriam posteriormente costurados em códice. Outro exemplo pode ser visto no fragmento abaixo:

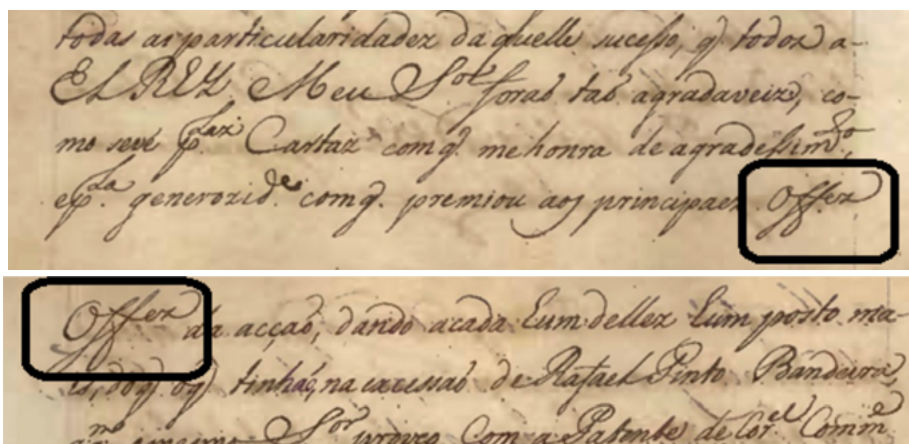


Figura 4. Exemplo de reclame (marcação nossa).

Em seu estudo sobre os reclames em textos manuscritos e impressos dos séculos XVI ao XIX, Dias (2018, p. 60) encontrou e categorizou 16 tipos de reclames.

Entre os tipos ou categorias de reclames temos: a) palavra; b) sílaba; c) segmento de palavra; d) sem fronteira; e) abreviatura; f) mais de uma palavra; g) abreviatura + numeral; h) abreviatura + palavra + palavra; i) palavra + abreviatura; j) palavra + sílaba; k) sílaba + palavra sem fronteira; l) sílaba + palavra; m) palavra + segmento; n) numeral + abreviatura; o) letra e p) numeral.








Essa variedade de tipos e de categorias aponta, com certeza, para a produtividade desse recurso tanto em textos manuscritos quanto em textos impressos. O último registro gráfico do fólio mostrado anteriormente (Figura 4), por exemplo, é *off^{ez}*, abreviatura de *officiaez*, e esta mesma abreviatura é a que inicia o fólio seguinte. Em alguns casos, é possível também encontrar casos em que o fólio é finalizado com uma abreviatura e o próximo é iniciado com a forma desenvolvida da abreviatura.

2.3 Grafemas e alógrafos









Procedemos também à elaboração do mapeamento do alfabeto das cartas de Lavradio, de modo a registrar, em termos paleográficos, a morfologia de alguns grafemas encontrados nos documentos e, conseqüentemente, dos alógrafos de cada grafema. A alografia corresponde a uma variação contextual da forma de determinados grafemas, isto é, refere-se às suas diferentes possibilidades de realização. Essa variação, como aponta Dores (2019, p. 25), pode “ocorrer seja pelo contexto gráfico de ocorrência da letra, pelo estilo de escrita da época e até mesmo pelo estilo de cada escrivão”. Vejamos abaixo, a título de ilustração, alguns grafemas e, em alguns casos, seus alógrafos, que mais chamaram a nossa atenção, como <d>, <e>, <f>, <g>

e <h>, Consideramos, sempre que possível, a posição ocupada pelo grafema na palavra, podendo ser inicial, medial ou final:






Quadro 4. Exemplos de alógrafos maiúsculos e minúsculos

	Inicial	Medial	Final
<D>	 <Deoz>	-	-
<d>	 <de>  <do>  <delle>	   <Mandando>	-







continua

	Inicial	Medial	Final
<E>	  <Estar>	 <aVE ^a >	-
<e>	 <estar>	 <Deoz>	 <brevidade>  <auxiliasse>
<F>	 <Furt ^o >	-	-

continua

	Inicial	Medial	Final
<f>	 <p><forças></p>  <p><funestas></p>	 <p><defesa></p>	-
<G>	 <p><Guarnição></p>	-	-
<g>	-	 <p><julgo></p>	-

continua

	Inicial	Medial	Final
<H>	 <Hé>  <Hoje>	-	-
<h>	 <huã>  <hum>	 <Catharina>  <nenhua>	-

Vejamos aqui alguns comentários gerais. Uma evidência de que o *scripta* dominava o traçado escrito fica perceptível ao analisarmos os grafemas iniciais de letras maiúsculas, uma vez que se nota nestas iniciais uma ornamentação em sua elaboração seja com traçados iniciais, seja com traçados finais.

Considerando que o *ductus* evidencia as características do traçado das letras (NÚÑEZ CONTRERAS, 1994), constatamos que para a letra *d* minúscula em posição inicial e medial, embora haja alógrafos, em todas as suas materializações a sua haste vertical se une com outras letras adjacentes.

Notamos, basicamente, no *d* inicial e medial três letras com traçados semelhantes: nos exemplos de <de> e <todas>, o grafema <d> é formado por uma haste vertical inclinada para a direita a partir da qual se une, em sua metade inferior, um círculo para a esquerda. Os exemplos da letra *d* em <do> e <mandando> se aproximam muito da letra *d* de <de> e de <todas>; a diferença, no entanto, consiste no momento do traçado ascendente da haste vertical, pois o *scripta* faz uma duplicidade de traços na parte superior e finaliza da mesma forma com uma inclinação à esquerda, em formato ovalado. Por fim, nos exemplos de <garde> e <delle>, o *d* foi escrito com um círculo iniciado abaixo do ponto médio da haste vertical e finalizado com haste alongada e angulada para a esquerda na parte superior da letra.

O *E* maiúsculo é feito com um traçado no qual, na parte medial, se percebe um arco como se vê em , mas também pode ser representado na parte medial apenas por um leve apontamento para a direita como em <Estar> e <aVE^a>. As letras *e* minúscula inicial, medial e final possuem apenas um movimento simples, por meio de um pequeno arco voltado para a direita, podendo ou não se ligar com letras vizinhas. Chama a atenção, no caso de <Deoz>, o módulo de <e> ligeiramente maior do que o módulo encontrado nas demais letras minúsculas sem que, contudo, se configure um caso de letra maiúscula. Uma característica restrita ao *e* minúsculo final, exemplificada no *e* de <brevidade>, é um alongamento da haste com inclinação ascendente para a direita para finalizar a palavra.

A letra *f* pode ou não aparecer unida às letras vizinhas. No documento trabalhado, notamos que nessa letra há uma extensão de sua cauda que quase sempre ultrapassava a linha inferior e se sobrepunha às letras da linha de baixo. As letras *f* de <defesa> e de <funestas> foram construídas com um traço reto inclinado à direita, com círculos que iniciam e finalizam o traçado em suas extremidades inferior e superior. No *f* de <forças>, percebemos um traçado que se inicia angularmente à direita e se aproxima ao formato do outro *f*. No entanto, não se observa um círculo na parte superior da haste vertical, mas sim uma leve inclinação à direita no prolongamento do seu traçado.

O *G* maiúsculo é representado por um semicírculo aberto no meio ao qual se segue um traçado descendente que se forma uma cauda com arco no final com inclinação para direita. Na letra *g* minúscula, notamos que, assim como o *f*, há uma sobreposição às letras da linha de baixo por diversas vezes ao longo do documento. Esta letra é construída por um traçado em dois movimentos: o primeiro representa um semicírculo, iniciado no meio da linha em direção à esquerda e o segundo é um traçado descendente que forma uma cauda inclinada para a esquerda e que se une posteriormente à outra letra em seguida.

O *H* maiúsculo é construído inicialmente com um adorno inicial à esquerda na parte inferior, a partir do qual se prolonga o traçado à parte superior da palavra para sua finalização. Um outro traçado é feito da parte superior ao final que se finaliza com um traçado para a direita. Há ainda um traço que corta o centro da letra que é da esquerda para a direita. No que tange ao *h* minúsculo, percebemos dois tipos que aparecem tanto no começo como no meio das palavras. Em um deles, a haste do primeiro movimento sai do meio da linha e sobe até a parte superior e retorna para começar o segundo movimento, em forma de semicírculo que se ligará à letra seguinte ou finalizar, como vemos nos exemplos <Catharina> e <huã>. Já no *h* de outros exemplos como em <nenhua> e <hum>, o seu traçado se assemelha com a letra *e*, pois há uma haste que sobe para a parte superior da letra e ao retornar para descer faz uma breve inclinação à direita na parte medial da letra.

2.4 Segmentação de palavras

Nas cartas de Lavradio, o único tipo de segmentação registrado se dá em casos de translineação, isto é, quando a palavra a ser segmentada ocupa a última posição na linha. Nesse caso, parte da palavra fica localizada em uma linha e o restante da palavra, na linha imediatamente abaixo. A segmentação, nesse caso, respeita a fronteira silábica das palavras e conta com o símbolo gráfico do hífen:

Quadro 5. Exemplos de segmentação de palavras

	Avi- zos
	desmembran- do
	Fran- cisco

2.5 Junção de palavras

Nas cartas de Lavradio, diversos são os casos em que palavras distintas se juntam às palavras seguintes da mesma linha, sem que haja um espaço (ao menos claro e definido) que defina a fronteira vocabular. Esse recurso, bastante utilizado em textos manuscritos, pode ser decorrente da cursividade e agilidade da escrita. Dito de outro modo, o enlace entre palavras pode não necessariamente corresponder a questões de ordem fonológica, como a representação de um vocábulo fonológico, por exemplo, mas simplesmente ao fato de o scriptor – em nosso caso, o secretário de Lavradio – não ter levantado a pena do papel. Isso pode ser ratificado por Chartier (1999, p. 16) ao destacar que “aquele que escreve na era da pena, de pato ou não, produz uma grafia única, diretamente ligada a seus gestos corporais”. Vejamos alguns exemplos ilustrativos:

Quadro 6. Exemplos de junção de palavras

	aozCastelhanoz
	deSantoz
	deseremSocorridoz
	desservir
	epor
	lheparecerem
	ofazer

2.6 Abreviaturas

As abreviaturas, recursos braquigráficos utilizados para se reduzir a forma de uma palavra, também podem ser observadas nas cartas setecentistas analisadas.

Sobre as abreviaturas, Gonçalves (2003, p. 188) aponta que

[...] são um exemplo da economia de meios gráficos, uma vez que baseiam a sua aparência formal em alguns elementos do significante fônico e



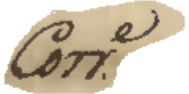




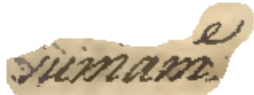






gráfico do signo linguístico, traduzidos, conforme os casos, ou por uma maiúscula inicial e o chamado ponto de abreviatura, ou por uma maiúscula seguida de outras unidades alfabéticas e do ponto. [...] Se o número de abreviaturas era considerável na prática dos copistas da época medieval, em virtude da tradição de escrita do latim, favorecida sobretudo pela escassez dos suportes materiais, o seu uso regular vai continuar durante séculos, mesmo depois de bem avançada a era da imprensa [...].

Uma prova da permanência desse uso regular de abreviaturas em textos modernos, apontados pela autora ora citada, é que, na carta que aqui apresentamos (composta de apenas 1 fôlio) encontramos 28 abreviaturas diferentes (sem contar as repetições). A seguir, apresentamos cada uma delas:


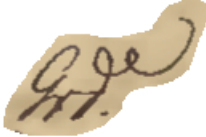




Quadro 7. Abreviaturas de uma carta de Lavradio (BNP, Cód. 10631, fol. 74r-74v)

	Gov. ^{or}		Cathar. ^a
	Cap. ^{nia}		not. ^{az}
	Ill. ^{mo}		Resp. ^{to}
	Ex. ^{mo}		daq. ^{la}

continua

	S. ^{or}		p. ^{lo}
	Corr. ^e		Grd. ^e
	V.		aq. ^{Laz}
	E. ^a		sumam. ^e
	p. ^a		p. ^e
	q.		Cast. ^{oz}
	Gen. ^{al}		R. ^o

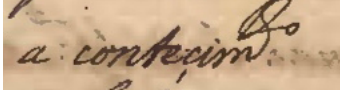
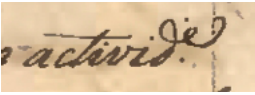
continua

	Ant.º		Grd.º
	Furt.º		aq. ^m
	S. ^{ta}		Janr.º

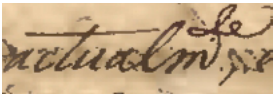
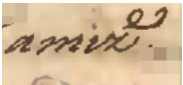
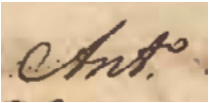
Duchowny, Coelho e Coelho (2014), ao tratar de abreviaturas em documentos manuscritos, apresentam oito classificações diferentes: letra sobrescrita, sigla simples, suspensão, contração, mista, sinal especial, numérica e letra reduplicada.

Dentre os recursos abreviativos utilizados pelo secretário do marquês, o mais produtivo se refere à contração de letras no interior da palavra, com sobreposição da(s) última(s) letra(s). Destacamos alguns exemplos:

Quadro 8. Exemplos de abreviaturas

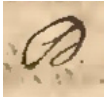
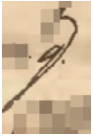
Palavra abreviada	Palavra desenvolvida	Fac-símile
a conteçim ^o	a conteçimento	
activid ^e	atividade	

continua

Palavra abreviada	Palavra desenvolvida	Fac-símile
actualm ^{te}	actualmente	
amiz ^e	Amizade	
Ant ^o	Antonio	

Outros recursos abreviativos também são registrados nas cartas de Lavradio, como a utilização da letra inicial da palavra, como em "D." (*Dom*). Em outros casos, como em "q" (*que*), a letra inicial da palavra tem sua haste horizontal estendida para cima da letra, formando um laço que pode ser caracterizado como um traço geral abreviativo:

Quadro 9. Exemplos de abreviaturas

Palavra abreviada	Palavra desenvolvida	Fac-símile
D.	<i>Dom</i>	
q.	<i>Que</i>	

2.7 Uso de maiúsculas e minúsculas

Uma questão que chama a atenção nas cartas de Lavradio é o uso de letras maiúsculas e minúsculas. De uma forma geral, há uma sistematicidade

bastante clara no uso de maiúsculas em início de frase, formas de tratamento, topônimos e antropônimos. No entanto, é possível observar também a utilização de maiúsculas de forma mais aleatória, sem uma regulamentação aparente, em início de palavras dentro de sentenças ou até mesmo no meio de palavras. Sobre essa questão, Dores (2019, p. 31) destaca que “essa é uma característica de escritas manuscritas, sobretudo cursivas, em que é muito difícil diferenciar algumas letras maiúsculas e minúsculas”.

No fragmento abaixo, por exemplo, podemos ver, na primeira linha, a forma verbal “Seria” com a inicial maiúscula. Na sexta linha, encontramos “Pais” e “Irmãoz” com maiúsculas iniciais, ao passo que “filhoz” é iniciada por minúscula.

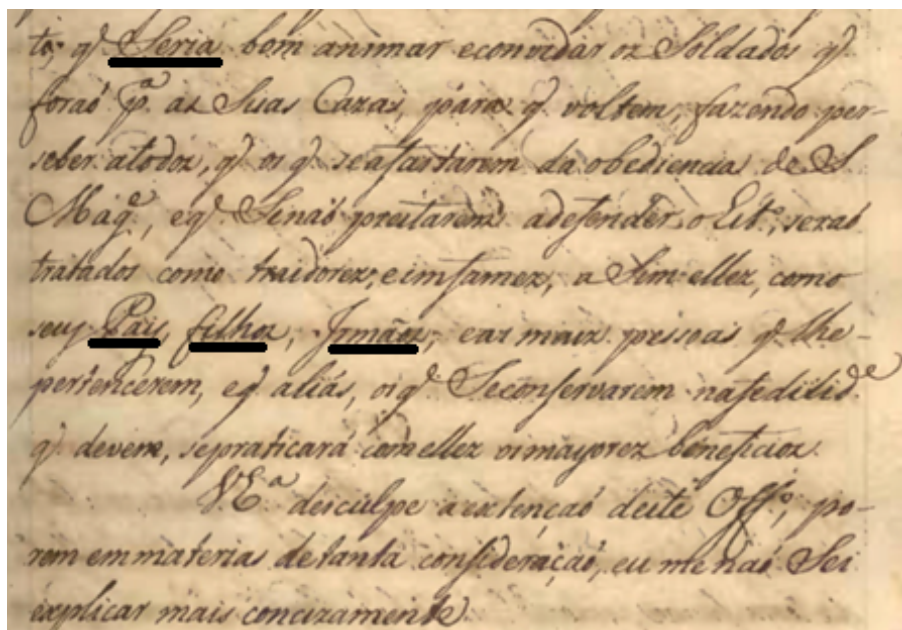


Figura 5. Exemplo do uso de maiúsculas e minúsculas (marcação nossa).

Considerações finais

Com este desprezioso trabalho, buscamos apresentar a edição de uma carta do Marquês do Lavradio, importante figura da história do Brasil Colônia. Essa carta faz parte de um conjunto documental maior que está em fase de edição, para futura publicação, pelos pesquisadores do *Laboratório de Estudos Filológicos* (LabEFil/UFRJ).

Apresentamos, também, alguns comentários paleográficos das cartas que compõem esse conjunto documental – códice 10631 da Biblioteca Nacional de Portugal – com vistas a auxiliar na leitura e interpretação desses textos. Isso, porque, segundo Dores (2019, p. 25),

a leitura de um manuscrito, a começar pela decifração da caligrafia, não é uma tarefa simples e fácil. A dificuldade de leitura inicia-se pelo fato de que, ao escrever, qualquer pessoa imprime, no suporte material, alguns traços particulares. É justamente por essas marcas – quase que uma impressão digital do escritor – que é possível identificar, por um processo de comparação, se uma letra é ou não de uma determinada pessoa.

Nesse sentido, a Paleografia é uma das nossas opções metodológicas que nos leva a refletir, também, sobre questões muito mais amplas como a toda a história da escritura e como a escrita é um instrumento memorialístico. As cartas aqui mencionadas são produtos sociais que atendem a certas características – o tipo textual, o contexto e a época de produção, a instrução de quem escreveu ou copiou etc. – que vão ditar algumas formas desses documentos.

Vale destacar, também, que os documentos são a materialização de eventos relevantes. Contudo, eles não nascem para ser históricos, mas se tornam ao serem abordados como fontes de pesquisas de períodos passados. As cartas que compõem o códice 10631, por exemplo, são fontes fundamentais para se recompor parte da história social do Brasil colônia. Além disso, por meio da edição – com rigor filológico – desse material, é possível ter um recorte, mesmo que pequeno, da língua portuguesa *no* Brasil.

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Fundo Marquês do Lavradio**: inventário/Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.

BARBOSA, A. **Para uma História do Português Colonial**: Aspectos Lingüísticos em Cartas de Comércio. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

_____. Demografia histórica e História da língua portuguesa no Brasil-colônia: reflexões sobre o fim dos setecentos. **Revista Linguística da ALFAL**, v. 17, p. 75-94, 2005.

BELLOTTO, H. L. **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2002. (Projeto Como Fazer 8).

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP / Imprensa Oficial do Estado, 1999. (Tradução de Reginaldo de Moraes).

CONCEIÇÃO, A. A. **Sentir, Escrever e Governar**: A prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio (1768-1779). Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

_____. Entre o ofício e a amizade: o discurso epistolar do vice-rei 2º Marquês do Lavradio no século XVIII. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 142-167, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2015v16n25p142>. Acesso em: 11 nov. 2019.

DIAS, E. N. **Subsídio para um estudo de reclame a partir de manuscritos e impressos em português (séculos XVI e XIX)**. 2006. 98 p. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **De uma página a outra**: o reclame em livros manuscritos e impressos dos séculos XVI a XIX. São Paulo: Miró Editorial, 2018, 143 p.

DORES, M. V. P. das. **O Primeiro Inventário de bens da Catedral de Mariana (1749-1753)**: edição e glossário terminológico. 2019. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

DUCHOWNY, A. T.; COELHO, S. M.; COELHO, G. H. Sistema de abreviaturas de documentos adamantinos setecentistas. **Revista Letras**, Curitiba, n. 90, p. 233-252, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v90i2.36430>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FRANCO, D. L. Carta do 2º Marquês do Lavradio escrita ao Governador da Capitania de São Paulo, ano de 1777. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. especial 2, p. 350-362, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.28779>. Acesso em: 28 jul. 2020.

GONÇALVES, M. F. **As ideias ortográficas em Portugal**: de Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MARCOTULIO, L. **Língua e História**. O 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial. Rio de Janeiro: Ítaca, 2010.

MATTOS E SILVA, R. V. (Org.) **Para a História do Português Brasileiro**: primeiros estudos, v. 2, t. 2. São Paulo: Humanitas / FFLCH / FAPESP, 2001.

NÚÑEZ CONTRERAS, L. **Manual de Paleografía**. Fundamentos e história de la escritura latina hasta el siglo VIII. Madrid: Cátedra, 1994.

OLIVEIRA, C. A Paleografia em prática no Arquivo Nacional: a leitura da escrita antiga na contemporaneidade. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 213-230, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v5i2.26450>. Acesso em: 28 jul. 2020.

RUMEU, M. Para uma história do português no Brasil: edição de cartas setecentistas e oitocentistas. In: LOBO, T. et al (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**, v. VII, t. II. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 819-844.